

APRENDER A LER NO SÉCULO XXI: CONTINUIDADES E RUPTURAS

LEARNING TO READ IN THE 21ST CENTURY: CONTINUITIES AND RUPTURES

APRENDER A LEER EN EL SIGLO XXI: CONTINUIDADES Y RUPTURAS

Carla Viana Coscarelli

Professora titular da Faculdade de Letras da UFMG.

<https://orcid.org/0000-0003-2655-4426>

E-mail: cvcosc@gmail.com

Hércules Tolêdo Corrêa

Professor associado do Centro de Educação Aberta e a Distância - CEAD da Universidade

Federal de Ouro Preto – UFOP

<https://orcid.org/0000-0001-7368-5635>

E-mail: herculest@uol.com.br

A neurocientista estadunidense Maryanne Wolf, no livro **O cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era (Contexto, 2019), apresenta-nos uma obra em forma de 9 cartas, cada uma delas tratando de um aspecto relacionado ao que acontece com nosso cérebro quando usamos as tecnologias digitais. Wolf dá foco à leitura e nos leva a refletir sobre o que está acontecendo ou pode acontecer com nosso cérebro quando lidamos com a leitura em ambientes digitais e como devemos abordar isso na educação de nossas crianças.

Maryanne Wolf é uma neurocientista que tem uma forte ligação com a literatura, uma vez que se graduou e fez mestrado nessa área. É autora de vários artigos e livros, entre eles *Proust and the Squid: the story and science of the reading brain*, ainda não traduzido para o português. Além disso, tem uma grande preocupação com a formação de leitores, o que se percebe claramente nessa obra, que é muito bem embasada teoricamente e que traz inúmeras citações de livros literários, da neurociência e de outras áreas afins.

Embora os capítulos sejam chamados de cartas e estas estejam endereçadas diretamente aos leitores, que a autora individualiza por meio do vocativo “caro leitor” no início de cada uma das missivas, os capítulos não trazem outras características desse gênero. Acreditamos ser bastante válido o esforço editorial em produzir livros científicos em forma de divulgação científica, o que parece ser o objetivo quando esta obra se apresenta em forma de cartas. Entretanto, na maior parte das vezes, a superestrutura

textual apresentada em cada capítulo que permite a caracterização como carta só aparece por meio do vocativo inicial e da despedida, ao final do texto. Na maior parte do livro, prevalecem os movimentos retóricos do discurso científico, com citações de artigos e ensaios acompanhados de suas referências conforme as normas técnicas.

Marianne Wolf afirma, já na página 21, que “não será proposta nenhuma solução binária” no livro, procurando demonstrar que suas pesquisas prezam por um “letramento global”, ou seja, a neurocientista defende a necessidade de um duplo letramento na contemporaneidade. De um lado, a constatação de que não é possível barrar a leitura cada vez mais atraente nas mídias digitais; por outro lado, a necessidade de se resgatar e incentivar o que ela chama de “leitura profunda”, aquela em que os sujeitos se concentram por muito tempo (horas?) na leitura dos materiais impressos e que estiveram presentes em nossas vidas no que podemos chamar de “era de Gutenberg”, a partir do século XV, quando foi criada a prensa com os tipos móveis, na sequência dos livros manuscritos que antecederam os impressos.

Diferentemente desse tipo de leitura contemplativa, imersiva, Wolf defende e demonstra, por meio de citações de trabalhos acadêmicos, que a leitura nos meios digitais demanda menos concentração, é rápida, dinâmica, multifocada, multitarefa, multimodal, multi uma série de adjetivos.

A certa altura, a pesquisadora pergunta: “Será que o processo demorado e cognitivamente exigente da leitura profunda está destinado a atrofiar-se ou ir se perdendo numa cultura cujas principais mídias favorecem a rapidez, o imediatismo, altos níveis de estimulação, pluralidade de tarefas e grandes quantidades de informação?” (p. 126). É preciso ressaltar que essa pergunta traz as premissas de que a leitura em ambientes digitais não pode ser profunda e sempre é rápida, multitarefa e sem foco. Tal posição pode levar o leitor a pensar no impresso e no digital como dicotômicos e incompatíveis, o que é questionável, uma vez que essas tecnologias se mesclam em nossas ações e em nossa sociedade. Eis aí uma crítica que fazemos à obra, que por vezes parece desconsiderar certos benefícios do digital e suas formas de ler.

Em todo o livro, Wolf levanta muitas questões que precisam ser investigadas para que possamos compreender a influência dos computadores, *tablets* e celulares em nosso cérebro, em nossas leituras, em nosso comportamento e em nosso pensamento. É

importante compreendermos o que está acontecendo para que possamos reverter a rota caso ela esteja indo para uma direção que nos trará prejuízos individual e socialmente. No entanto, a história das tecnologias tem nos mostrado que as mídias não nos tornam mais ou menos inteligentes e que as consequências delas dependem muito de como são usadas e da nossa capacidade de avaliar criticamente as informações. É mais uma questão de educação para as mídias que de exposição a elas.

No nosso caso, que temos o costume de nos preparar para bancas de doutorado e/ou mestrado, lendo textos longos (com uma ou mais centenas de páginas), questionamos se a leitura desses textos no impresso permitiria maior compreensão, maior crítica, maior engajamento por parte do leitor. A experiência de alguns leitores mais acostumados ao impresso pode nos levar a dizer que sim, mas com o tempo vamos nos acostumando aos vários recursos que nos são disponibilizados pelo digital e acabamos sentindo a falta deles no impresso. Embora a leitura em dispositivos digitais também permita o ir e voltar de páginas e partes, por vezes, o folheamento do impresso pode permitir comparações entre partes mais acessíveis. O digital tem recursos sofisticados e ultra ágeis, como, por exemplo, localizar palavras, expressões ou até partes maiores de textos para localização e checagem de informações; tem recursos para contagem de palavras e expressões, a fim de identificar excessos de repetições; acesso a dicionários e enciclopédias *on-line* com poucos cliques; recursos esses que com certeza facilitam o trabalho desse tipo específico de leitor, que é o leitor crítico avaliador, que tem a função de ler para analisar, avaliar e questionar. Mais uma vez não é uma questão de substituir totalmente uma leitura pela outra, mas de saber em qual momento e situação cada uma é mais eficaz e mais agradável ao leitor.

Por outro lado, várias pessoas que foram acostumadas, da infância à maturidade, com a leitura do livro ou do texto digitado e impresso na folha branca, podem considerar que a leitura do impresso possibilita uma reflexão mais profunda sobre o que se lê. No entanto, a leitura profunda não pode ser ligada somente ao impresso. Outros fatores interferem sobremaneira nos modos de leitura: o gênero discursivo, o objetivo de leitura, o interesse do leitor pelo assunto e suas habilidades de compreensão de textos. A leitura de um jornal, por exemplo, sempre envolveu uma leitura mais detalhada nas partes que são de interesse do leitor e uma leitura mais superficial nas partes que não lhe interessam

tanto. O fato de ser um jornal impresso não é fator determinante para que a leitura seja 100% profunda. O mesmo podemos dizer a respeito da leitura em ambientes digitais. Não podemos ler todos os gêneros sempre da mesma forma. Quando lemos uma tese ou artigo científico em algum dispositivo digital, optamos, geralmente, por um lugar calmo, usamos recursos de marcadores de texto, abrimos caixas para anotar comentários, questionamentos e críticas, lemos e relemos várias partes, buscamos algumas referências bibliográficas que não conhecemos ou que geram dúvida, ou seja, fazemos uma leitura concentrada, monitorada, é uma leitura de estudo e, portanto, profunda.

No entanto, quando só queremos nos divertir com as postagens dos amigos nas redes sociais, fazemos outro tipo de leitura, mais descompromissado e mais rápido, além disso, não precisamos, necessariamente, estar em um ambiente silencioso e tranquilo. Isso não significa, no entanto, que deixamos de compreender o texto e de ser críticos. Na maioria das vezes, no nosso caso, estamos atentos à fonte, e já criamos o hábito de nos perguntar o que pensamos a respeito daquela informação. São operações que já fazemos automaticamente e que precisam ser feitas. Essas e outras habilidades precisam ser contempladas na formação do leitor. A leitura precisa ser fluente e crítica. Isso nos leva, então, em questões que dizem respeito à formação do leitor e não somente à culpabilização das mídias digitais pelo que elas nos oferecem, como por vezes nos faz crer esse livro.

Wolf menciona em várias partes do texto a questão da memória. Ela retoma Sócrates (capítulo 4, p. 99) para trazer a desconfiança dele a respeito do mal que a escrita ia fazer à nossa memória. Como sabemos, a escrita não piorou nossa memória, pelo contrário, a leitura é um ótimo exercício cognitivo e de memória. A escrita ampliou nossa capacidade de lidar com informações, assim como nossas tecnologias de arquivamento e de recuperação delas.

No capítulo 5, em que ela trata da criação de filhos em tempos digitais, Wolf menciona que as crianças associam as telas com os filmes, e levanta a questão a respeito dos efeitos dessa percepção: “surge a questão se sua [da criança] percepção daquilo que é apresentado em um *tablet* ou na tela do computador está sendo inconscientemente processado como um filme, o que faz com que inúmeros detalhes e diferentes estímulos na tela parecerem impossíveis de ser lembrados. E por isso não são” (p. 137). Isso faria com

que as pessoas que leem nas telas estivessem fazendo um uso menor da memória de trabalho para processar os textos porque seriam processados como filmes e, sendo assim, as pessoas não se esforçariam para lembrar de tudo. Consideramos esse argumento inconsistente, uma vez que nem em filmes, nem em livros, nem em nossa vida lembramos de tudo que lemos e vemos, porque fazer isso implicaria gastar uma carga cognitiva brutal com a memorização, tirando recursos cognitivos e o foco da atenção que usamos para compreender. Se a preocupação de Wolf em grande parte do livro é com a leitura profunda, essa preocupação dela com a memorização de tudo não faz muito sentido.

Um dos grandes incômodos que nos trouxe a leitura do livro de Maryanne Wolf é a visão dicotômica que ela parece defender: de um lado, leitores infantis e juvenis, que estão crescendo ou cresceram no século XXI e de outro, os leitores “maduros”, tanto em relação a suas idades, pois nasceram ainda no século XX, quanto com relação às suas habilidades de leitura e compreensão textual. Ainda que tenhamos estudos façam distinções entre leitores de diferentes idades, competências e hábitos de leitura, ainda que algumas experiências pessoais também demonstrem a existência de uma tipologia de leitor conforme sua idade e maturidade de leitura, há também outros estudos que demonstram não haver essa separação tão bem delimitada entre uma categoria de leitor e outra. Costuma ser mais uma questão de oportunidade de acesso às tecnologias, e, portanto, uma questão socioeconômica, do que uma questão etária.

Em muitas partes do livro, Wolf fala em leitores profundos e contemplativos, que seriam os leitores de livros numa era analógica, em oposição a pessoas dispersas, sem atenção, sem reflexão, sem pensamento crítico e sem empatia, fruto das tecnologias digitais. Embora em muitas partes do livro ela apresente essas discussões em forma de perguntas (ver, por exemplo, páginas 17 e 143) para mostrar que ela também não tem respostas definitivas para essas questões, isso é feito em forma de perguntas retóricas que vão levando o leitor a construir uma imagem alarmante dos efeitos das tecnologias digitais nas capacidades cognitivas das pessoas, que é reforçada em títulos dos capítulos como “A leitura profunda está em perigo? (p. 49), “O que acontecerá com os leitores que fomos?” (p. 87). Percebe-se claramente nesses títulos a ideia que está sendo defendida pela autora de que estamos fadados a sermos leitores superficiais, com limitadas capacidades

cognitivas, sem senso crítico e incapazes de perceber a beleza dos textos, ao contrário do que costumávamos ser.

Não é verdade que todos os leitores antes do advento das tecnologias digitais fossem leitores de livros, fizessem leituras sensíveis, profundas e de fôlego. Assim como não é verdade que hoje somos todos leitores superficiais e embrutecidos. Esse talvez seja o grande “furo” de Wolf, uma premissa falsa que serve de base a vários capítulos do livro.

Assim como temos pessoas que, mesmo sabendo ler, nunca se encantaram pelos livros - o que não fazia necessariamente com que não fossem críticas e bem informadas - temos hoje jovens que nasceram com os equipamentos digitais em mãos e são leitores de livros, são amantes de cinema e são estudantes que se saem muito bem em atividades acadêmicas que exigem deles habilidades cognitivas complexas.

Precisamos perceber, como a própria Wolf menciona em alguns momentos menos polarizados do livro, que o equilíbrio entre a “cultura digital” (p. 143) e as “formas tradicionais” (p. 143) é importante para o desenvolvimento intelectual de nossos jovens. Muito já se discutiu sobre a não polarização entre “nativos” e “imigrantes” digitais, terminologia problemática criada por Prensky, (ver, por exemplo: Ribeiro, 2019). Embora sem usar essas duas expressões, Wolf parece ainda considerá-las produtivas, pela forma como apresenta seus argumentos.

Em rápidos momentos durante do livro, Wolf menciona alguns aspectos positivos das tecnologias digitais como “a crescente capacidade dos jovens criados em ambiente digital para lidar, sem queda no desempenho, com o deslocamento da atenção por múltiplos fluxos de informação” (p. 133). Usando tecnologias digitais os jovens desenvolvem a capacidade de lidar com informações de múltiplas fontes, que é uma habilidade muito importante na atualidade.

No final do livro, sobretudo no último capítulo, intitulado “Construindo um cérebro duplamente letrado”, Wolf parece fazer as pazes com as tecnologias e apoiar uma abordagem que integre o digital e o impresso, de forma que aproveitemos o melhor dos dois mundos. Assim, sugere que nossas crianças tenham experiências tanto em materiais impressos quanto em materiais digitais, a fim de que se familiarizem com os dois meios e sejam capazes de ler depressa o bastante para dar atenção às habilidades de leitura profunda e devagar o bastante para formá-las e implantá-las” (p. 202) (percebe-se que nem

aqui ela não se liberta da dicotomia). Para isso, reforça a necessidade de uma educação atenta às demandas pelo uso produtivo da leitura em telas.

Wolf nos lembra que os efeitos positivos da aprendizagem digital não acontecem garantindo apenas o acesso e a exposição das crianças a esses recursos. Lembra que o desenvolvimento do letramento digital demanda outras ações e sugere que sejam usados aplicativos teoricamente bem fundamentados e “planejados com o objetivo de promover o aprendizado da leitura em uma plataforma digital” (p. 215) e estimulem a criatividade e a imaginação das crianças. Nesse capítulo 9, Wolf também levanta questões importantes como a necessidade de que sejam desenvolvidos mais aplicativos assim, a urgência de “treinamento e apoio profissional para nossos professores” (p. 212) em relação ao uso de tecnologias para ensino-aprendizagem e a necessidade de liberarmos o acesso digital para nossos alunos e professores, cujo limite (e podemos acrescentar a carência e a precariedade) é sempre mencionado em pesquisas educacionais que tratam desse tema. Maryanne Wolf menciona também, no capítulo 8, programas e projetos que usam tecnologias digitais com sucesso no desenvolvimento de várias habilidades dos estudantes, como o Garage Band, Scratch e Thinking Reader, mostrando que nem sempre o uso de tecnologias digitais é prejudicial, pelo contrário. o uso adequado e monitorado das tecnologias pode gerar resultados muito positivos.

O cérebro no mundo digital é um livro de leitura prazerosa e que apresenta a complexidade da leitura assim como os perigos que a falta da leitura ou uma leitura descuidada pode trazer para nossa sociedade e para nossas habilidades cognitivas. É, portanto, um livro que merece ser lido por profissionais e estudantes da Educação, dos Estudos Linguísticos e de áreas que se preocupam com a leitura, a cognição e com as tecnologias digitais. No entanto, é um livro que precisa ser lido com profundidade e olhos críticos (a tal leitura profunda que a própria autora defende) para não cairmos na armadilha de colocar a culpa no digital, isentando todos os demais agentes de formação leitora como a escola, as bibliotecas, as políticas públicas, além de outras agências de letramento, da responsabilidade de formar leitores críticos e de proporcionar um equilíbrio nas atividades dos nossos jovens.

Referência:

RIBEIRO, Ana Elisa. Do fosso às pontes: um ensaio sobre natividade digital, nativos jr. e descoleções. **Revista da Abralin**, v. 18, n. 1, p. 01-24, 2019.